

Exposição resgata briga de paulistas e cariocas

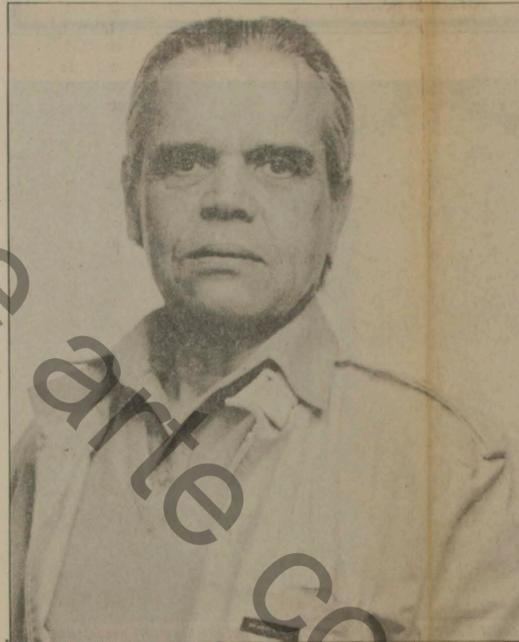
Experiência Neoconcreta, que o Museu de Arte Moderna do Rio abre amanhã, recorda a cisão de artistas cariocas com o concretismo paulista no Brasil fervilhante dos anos 50

Elizabeth Carvalho
Especial para o Estado

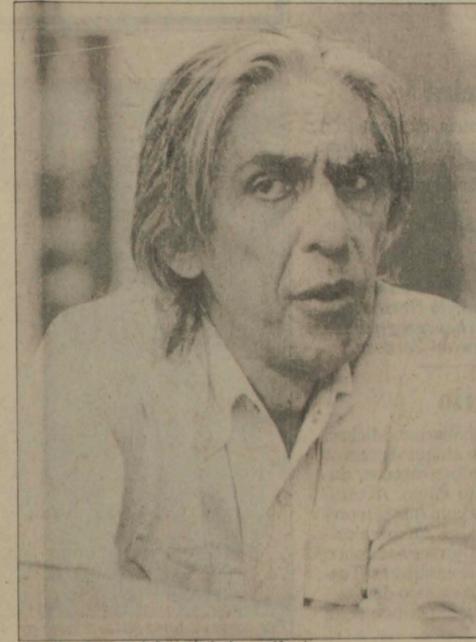
No folclore da velha rivalidade entre paulistas e cariocas, os anos 50 foram particularmente férteis, sobretudo no terreno das artes plásticas. A melhor parcela desses anos entra amanhã em cartaz no Museu de Arte Moderna do Rio, reunindo, numa grande exposição, 15 artistas e poetas que tornaram possível a Experiência Neoconcreta, um movimento inquieto e libertário que abriu espaço para a experimentação das artes no Brasil. O neoconcretismo é fruto de um racha histórico entre posições diferentes em relação a uma mesma idéia, não por acaso germinada nas duas grandes cidades brasileiras. Nesta revisão, agora obrigatória, uns e outros certamente irão refazer o percurso daqueles tempos, quando o País caminhava na direção de um modelo desenvolvimentista. Na época, Rio e São Paulo construíam finalmente museus para abrigar a arte moderna, a indústria nacional dava seus primeiros sinais de existência e as cabeças criativas no País assimilavam as experiências européias do pós-guerra, onde nada, definitivamente, poderia ser mais como antes. "Não seja abstrato, seja concreto", rezava a nossa vanguarda, em busca da construção de nova realidade artística.

Por aqui fervilhavam as idéias que o holandês Theo Van Doesburg plantara na Europa ainda nos anos 30, pouco antes de sua morte. "Pintura concreta, e não abstrata", ele exigia. "Porque nada é mais concreto, mais real, que uma linha, uma cor, uma superfície." O suíço Max Bill, seu fiel seguidor, guru de uma geração de brasileiros inquietos que despontava nessa época, preconizava o desenvolvimento de uma arte tocando em regiões até então proibidas, como a matemática. Havia, enfim, um espaço para a contestação do academicismo e do figurativismo que dominavam os horizontes das artes plásticas no País.

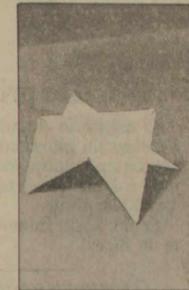
Os primeiros a defender o concreto da linha, da cor e da superfície foram os paulistas, em 52. Chamavam-se Ruptura. Reunidos em torno da figura de Waldemar Cordeiro, Ithar Charoux, Geraldo de Barros, Kazmer Fejer, Luis Sacilotto e outros artistas, lançaram um manifesto que condenava os que criavam "formas novas com princípios velhos" e distinguia os que faziam o mesmo com "princípios novos". Os cariocas, por sua vez, deram-se o nome de Frente. Era uma espécie de frente ampla e liberal, que reunia Aluísio Carvão, Carlos Val, Décio Vieira, Ivan Serpa, Lygia



Willys de Castro: dissidência paulista



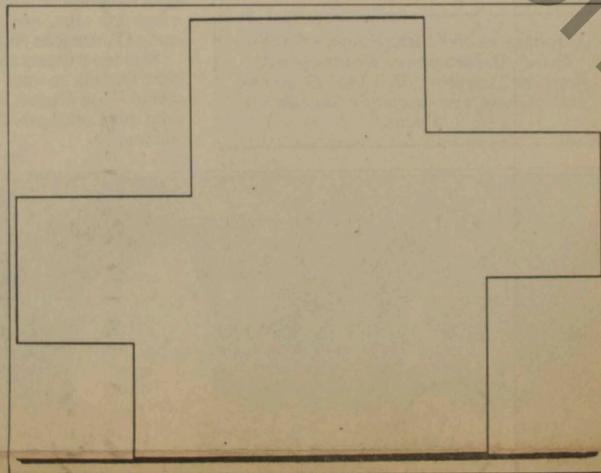
Ferreira Gullar: defesa da independência



Bicho, de Lygia Clark (acima): produto de uma corrente que defendia a supremacia da prática sobre a teoria

SERVÍÇO

Exposição: Rio de Janeiro 1959/60 — Experiência Neoconcreta. Local: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A partir de amanhã, às 18h30, até o dia 9 de junho.



Obra de 1959, de Hélio Oiticica...



...um dos representantes da Frente carioca

Clark, Lygia Pape, Helio Oiticica, Amílcar de Castro. Aproximadas por força dos ideais do concretismo, Ruptura e Frente namoraram durante alguns anos. Formalizaram essa união em 56, com a primeira exposição de arte concreta nacional, em São Paulo. Mas Frente e Ruptura sempre se relacionaram como um casal em crise, e a cerimônia de casamento foi uma antecipação da assinatura de divórcio.

Fernando Cocchiarale, o curador da exposição do MAM, resume em poucas palavras a pedra no sapato do movimento concretista: "O que movia o

teoria do concretismo carioca é uma meia de espuma de náilon, tamanho único, que serve tanto para Livio Abramo como para Arnaldo Pedroso Horta". E assim Ruptura e Frente foram levando a vida, até que na virada da década os cariocas jogaram finalmente a toalha. "Tudo bem", disseram. "Vocês ficaram com o concreto. Nós vamos ser neoconcretos."

A exposição do Museu de Arte Moderna refaz basicamente o percurso dessa geração nos anos 59 e 60, quando se realizaram as duas únicas exposições neoconcretas no Rio. "Foi um período privilegiado para as artes brasileiras", relembra Lygia Pape. "Um tempo de rompimento de barreiras, de quebra de molduras e pedestais, de cor e forma invadindo a poesia." Há peças inéditas em exibição com o Livro-Poema Fruta, exemplar único de Ferreira Gullar e dois Objetos e Ativos de Willys de Castro, que, com Hércules Barsotti, formou uma espécie de dissidência paulista ao aderir à experiência neoconcreta. Há exemplares da Coleção e Espaço, lançados por poetas e artistas do movimento, e do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, o grande porta-voz do neoconcretismo carioca. O poeta e crítico Ferreira Gullar considera essa experiência a única contribuição genuína à vanguarda brasileira. "O neoconcretismo é uma demonstração clara das vantagens de se desligar da dependência cultural", ele diz. "Sem ela, é possível não só fazer coisas novas e originais, como se antecipar àqueles que sempre ditaram o que temos de fazer". Num país onde os museus não contam a ninguém a história do movimento da arte brasileira, é uma chance única para o público carioca reaquecer a memória. Os paulistas, também. Em junho, depois de cumprir a temporada no Rio, os neoconcretos vão finalmente invadir a Pinacoteca de São Paulo.